

Presidente falador

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

Já se pode anunciar, sem risco de erro, que o presidente Fernando Henrique Cardoso, depois de alguns experimentos e retificações, inaugurou um novo estilo que incorpora cacoetes de antecessores, mas acrescenta a nota própria, o molho que o distingue e singulariza.

Os sinais do novo modelo são recentes e significativos. No período dos ensaios, misturou o tempero inovador com ingredientes tradicionais.

Nos últimos dias, de algumas semanas para cá, convencido do êxito da fórmula, passou a exercitá-la com desembaraço e frequência. E desde anteontem, em Belo Horizonte, no discurso de lançamento do ambicioso Ano da Educação, perante plateia seleta, enfeitada por 21 governadores, cinco ministros, mais o buquê de autoridades federais, estaduais e municipais e cerca de mil representantes do setor educacional, o presidente não deixou dúvidas quanto aos retoques da postura que assinala o segundo ano do mandato.

Vale a pena reler os dois trechos mais expressivos e fortes do improviso, destacados pela imprensa. Atenção que se trata de solene lançamento do projeto que procura resgatar compromisso de campanha para a erradicação do analfabetismo no prazo de 10 anos e pretende priorizar o ensino fundamental, prevendo ainda mudanças no ensino técnico.

maneira de ser de cada um.

Pouco se pode falar de Jânio Quadros que não chegou a esquentar a cadeira nos seis meses de seu pitoresco governo. Até a derrubada, Jango Goulart manteve o tipo de relacionamento seletivo. Governo em crise permanente encrespa-se em desconfianças e enxerga inimigos na sombra. Jango abria-se com os cupinchas.

Nos 21 anos da Redentora, com pequenas variantes, prevaleceu o regime de quartel. O presidente Castelo Branco cultivou o saudável hábito de convidar repórteres para conversas cerimoniais, mas abertas às perguntas e críticas. Até a sua virtual deposição, quando engoliu o AI-2 e fechou-se em copas.

O presidente Costa e Silva concedeu algumas entrevistas coletivas e recebeu repórteres em espaçadas oportunidades. O distanciamento ampliou-se no governo do presidente Ernesto Geisel. Poucos os distinguidos com convites para conversas com o presidente. A brecha, que se alargaria nas futricas da fase tumultuada da sucessão, não ia além do general Golbery do

Pois no contexto de fala grave e seca, Fernando Henrique soltou a língua e distribuiu recados e carapuças políticas, em dura linguagem de oratória parlamentar.

A propósito das distorções herdadas pelo governo não poupou adjetivos nem procurou dissimular a indignada reação: "O governo está mostrando, trazendo à luz, dizendo: olha, aqui está podre, mas eu não entrou nesta podridão, eu vou corrigi-la".

No mesmo embalo, vai mais fundo em tom de veemente desabafo: "Eu disse que não teria temor em colocar a mão em vespelhos. Algumas abelhas me picam, às vezes marimbondos. Mas nós sabíamos que seria assim. Muitas vezes o interesse particular grita na porta, mas tenho que pensar é na maioria do Brasil".

Se é verdade que cada presidente tem o seu jeito de exercer o mandato, ajustado ao temperamento e às circunstâncias, os antigos costumes reverentes ao protocolo, sensíveis à contenção, estão mudando em crescente velocidade.

A transferência da capital assinala a virada. Entende-se. A celebrada irreverência carioca não invadia a reserva do fechado espaço oficial.

No relacionamento com a imprensa, nos contatos com a população, na linguagem, em tudo ou quase tudo, a transformação foi da água do Guandu para o rebuliço da Praça dos Três Poderes. O governo era muito mais protegido e distante no Palácio do Catete do que entre os vidros e as colunas do Palácio do Planalto.

Raras, raríssimas vezes, em ocasiões especiais e apenas para os jornalistas da intimidade e confiança, o presidente da República saía do casulo. Os repórteres credenciados no Palácio cumprimentavam o presidente, cerimoniosamente, na clássica visita à Sala de Imprensa em véspera de Natal e na passagem do ano. Lá uma vez na vida, a excepcionalidade da entrevista coletiva. Fúnebre e sisuda como velório.

Brasília derrubou barreiras entre o Poder e a imprensa. E a sociedade em geral.

O ajustamento do estilo presidencial aos novos tempos e costumes vem sendo pautado, como é natural e inevitável, pela

Couto e Silva, fonte confiável e de alto gabarito.

Coube ao inesquecível João Figueiredo a derrubada da cerca e a inauguração da informalidade abagunçada das declarações curtas e grossas, rompantes desafortunados, lançados em linguagem desabrida e colhidas por repórteres esbaforidos, de microfones em riste, e que disparavam atrás do presidente nas oportunidades que brotavam do inesperado da sessão de ginástica, da corrida matinal, dos deslocamentos, ao entrar ou descer do carro.

A experiência política aconselhou o presidente José Sarney a cotar excessos e manter a abertura. A imprensa fica devendo ao atual presidente do Senado, José Sarney, a fase dourada da facilidade dos contatos pessoais e da cordialidade aberta do diálogo.

Fernando Collor restabeleceu o estilo Figueiredo com os retoques do marketing. Mensagens nas camisetas, frases de efeito despejadas nas correrias do exibicionismo esportivo. E longas conversas com grupos de convidados.

Mineiro e desconfiado, o presidente Itamar Franco começou praticando a informalidade de pequenas entrevistas diárias, à chegada do Palácio: em pé, topete ao vento, cercado de repórteres e microfones. Bombardeado por perguntas, escorregou em declarações inconvenientes. Advertido, conteve-se e ficou no meio-termo.

Pois Fernando Henrique cunhou marca própria. Usa e abusa de todos os truques para cultivar a comunicação. E descobriu o veio rico de ocupar as tribunas disponíveis para encaixar nos discursos de solenidades oficiais os recados políticos, com endereços transparentes. Sustenta polêmicas à distância, preservando-se do bate-boca.

Presidente não fala à toa. Na exuberância oratória são claros os sinais de impaciência com o encolhimento silencioso de ministros, assessores, líderes. E, no contrapé da vaidosa convicção de dotes de comunicador, a exacerbada centralização do governo.

Governo que é o presidente. Presidente em campanha.

